

A Biodiversidade da Figueira da Foz

Concelho da Figueira da Foz, abençoado por uma posição geográfica privilegiada, possui um extraordinário património natural: arrozais, salinas, zonas dunares, zonas lagunares, serra, rio, mar, com elevado potencial ambiental e ecológico, que dão suporte a espécies e habitats próprios, atividades agrícolas e de pesca, bem como atividades de lazer e bem-estar.

De seguida vamos apresentar alguns exemplos da biodiversidade da região.

Estuário do rio Mondego e praias da Figueira da Foz:

Garça-branca-pequena, *Egretta garzetta*



pelo bico preto e não amarelo.

Distingue-se principalmente pela brancura da sua plumagem. É uma garça de tamanho médio com um longo pescoço em forma de S, que está encolhido quando voa. A plumagem é totalmente branca e por vezes podem ser notadas algumas plumas compridas na parte posterior da cabeça. O bico e as patas são pretos, mas os dedos são amarelos. Quando em alimentação, é geralmente uma ave solitária, embora ocasionalmente forme bandos esparsos. No entanto, reúne-se em grandes bandos nos dormitórios e nas colónias. Distingue-se da garça-boieira pelo pescoço mais comprido e

Borrelho-grande-de-coleira, *Charadrius hiaticula*



Os borrelhos têm uma forma peculiar de se movimentar: dão alguns passos e depois ficam estáticos, como que fitando o observador.

Os adultos em plumagem de Verão são fáceis de identificar pela coleira preta no peito e pelas patas cor-de-laranja. Os juvenis e os adultos em

plumagem de Inverno apresentam a coleira incompleta, mas mais espessa que a do borrelho-de-coleira-interrompida. Distingue-se do borrelho-pequeno-de-coleira pela risca alar (visível em voo), pela ausência de anel ocular amarelo, pelas patas alaranjadas e pela vocalização (que consiste num chamamento dissilábico ascendente).

É uma das limícolas mais comuns nos estuários portugueses. No nosso país ocorrem indivíduos invernantes e também migradores de passagem, havendo grande variação do número de indivíduos de mês para mês, mas a espécie pode ser vista durante quase todo o ano (sendo contudo muito escassa de meados de Maio a meados de Julho). Os habitats onde é mais frequente são os estuários e as salinas.

Borrelho-de-coleira-interrompida, *Charadrius alexandrinus*



O borrelho-de-coleira-interrompida é acastanhado por cima e branco por baixo.

Apresenta uma coleira incompleta. As patas pretas e a ausência de coleira completa em todas as plumagens permitem distingui-lo do borrelho-grande-de-coleira e do borrelho-pequeno-de-coleira.

A espécie é relativamente comum ao longo de todo o ano, mas na Primavera ocorre sobretudo em casais, que ocupam os seus territórios em salinas ou

dunas.

É fora da época de nidificação que ocorrem as maiores concentrações, podendo por vezes observar-se bandos de dezenas ou mesmo centenas de indivíduos.

Estorninho-preto, *Sturnus unicolor*



Embora se trate de uma espécie facilmente reconhecível, o estorninho pode ser confundido com o melro-preto. Apresenta, tal como este último, o bico amarelado e o corpo escuro, embora a cauda seja mais curta e a postura mais erecta.

Distingue-se do melro pelas patas rosadas e pelos tons brilhantes no corpo, que é simultaneamente mais compacto. No Inverno, apresenta pintas claras ao longo do corpo, que o tornam similar ao estorninho-malhado, mas distingue-se deste pela

ausência de orlas castanhas nas primárias. Ainda assim, o aspecto geral desta ave face à sua congénere é sempre mais escuro. Os juvenis são castanhos.

Relativamente bem distribuído ao longo do território, pode ser localmente abundante junto a algumas localidades. Trata-se de uma espécie endémica da Península Ibérica e do sul de França, residente, e por isso observável durante todo o ano. A partir do final do Verão podem ser observados bandos que reúnem dezenas ou mesmo centenas de indivíduos.

Estorninho-malhado, *Sturnus vulgaris*



Do mesmo tamanho que o estorninho-preto, ao qual se associa frequentemente, distingue-se principalmente pelas inúmeras malhas brancas que apresenta na plumagem; esta característica é, contudo, muito difícil de ver à distância e é menos evidente na Primavera. As orlas castanhas nas primárias também ajudam a distingui-lo do estorninho-preto. As patas são vermelhas.

O estorninho-malhado ocorre em Portugal como invernante. As suas datas de ocorrência são mal conhecidas, mas julga-se que esteja presente em Portugal de Outubro a Fevereiro. Devido às dificuldades de identificação, este estorninho passa muitas vezes despercebido, pelo que as estimativas sobre a sua abundância são muito imprecisas, é possível que ocorra um pouco por todo o país.

Rola-do-mar, *Arenaria interpres*



A capacidade de encontrar alimento entre as rochas, mesmo nas mais pequenas fendas, é extraordinária.

Limícola pequena, rechonchuda, de patas curtas e alaranjadas, e com um padrão escamado, peito e barriga brancos. Possui um babeto preto bastante característico. A sua plumagem na Primavera altera-se, passando a ostentar tonalidades laranja-amareladas no dorso, bastante características.

Invernante e migradora de passagem, pode, no entanto, ser encontrada em todos os meses do ano. A rola-do-mar é uma espécie comum no litoral português e é facilmente encontrada em zonas com rochas expostas, onde é localmente comum. Ocorre também nos principais estuários dos rios portugueses, podendo ser vista em salinas ou zonas de vasa.

Flamingo-comum, *Phoenicopterus roseus*



Uma das mais emblemáticas aves selvagens que ocorrem em Portugal.

O “lençol” rosado formado pelos grandes bandos de flamingos que se alimentam num estuário constitui uma imagem única.

Enorme, rosado, com longas patas e com um bico espesso, o flamingo é uma ave inconfundível e pode ser reconhecido a grande distância.

No passado o flamingo era muito raro em Portugal, mas desde o final da década de 1980 a presença de grandes bandos de flamingos passou a ser habitual nas principais zonas húmidas portuguesas, não sendo raro observar concentrações de muitas centenas de indivíduos. Embora não nidifique no nosso país, pode ser observado ao longo de todo o ano.

Garça-real, *Ardea cinerea*



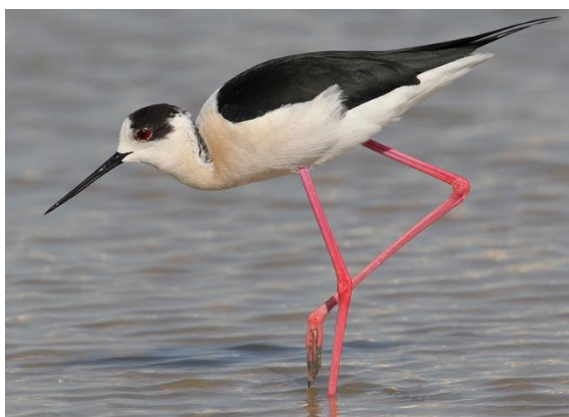
Imponente, com o seu longo pescoço cinzento, a garça-real é muitas vezes a maior ave aquática que a vista alcança. Devido à facilidade com que é observada, é frequentemente uma das primeiras espécies a serem vistas por quem se inicia na observação de aves.

Com quase 1 metro de altura, é a maior das garças que ocorrem em Portugal. É uma ave cinzenta, que se destaca pelo seu longo pescoço. Ocasionalmente pousa em árvores ou mesmo em edifícios. Pode ser confundida com a garça-vermelha, distinguindo-se desta pela total ausência de tons castanhos ou arruivados.

Quando em voo o pescoço encontra-se recolhido, sendo esta uma característica que a separa da cegonha-branca.

Ocorre em Portugal ao longo de todo o ano, mas é mais numerosa fora da época de nidificação. Surge associada a todo o tipo de zonas húmidas, sendo particularmente abundante nos grandes estuários e lagoas costeiras. Durante a época de nidificação é relativamente escassa e tem uma distribuição mais restrita.

Pernilongo, *Himantopus himantopus*



Durante a época dos ninhos, os pernilongos são os “reis” das salinas: com a sua silhueta elegante e as suas vocalizações ruidosas, dificilmente passam despercebidos.

De fácil identificação, o pernilongo chama a atenção pelo forte contraste da plumagem: o corpo, a cabeça e o pescoço brancos contrastam com as asas pretas.

As longas pernas rosadas conferem a esta limícola um aspecto de pernalta. O bico preto

é fino e rectilíneo.

Outrora uma espécie maioritariamente estival em Portugal, o pernilongo pode hoje ser observado em Portugal durante todo o ano. É uma espécie das grandes zonas húmidas costeiras, onde frequenta sobretudo salinas e charcas ou pequenas lagoas.

Localmente pode ser bastante comum, chegando a formar concentrações de algumas dezenas de indivíduos, sobretudo nas épocas de passagem migratória. No interior é mais escasso, ocorrendo pontualmente em açudes ou pauis.

Gaivota-argêntea, *Larus michahellis*



Ave de porte grande com patas amarelas. Dorso e asas prateadas com pontas pretas e “pérolas” brancas. Bico amarelo. Os imaturos de 1º ano são castanhos e quase indistinguíveis das gaivotas-d'asa-escura. Já os de 2º e 3º ano é visível o dorso prateado. É comum durante todo o ano ao longo do litoral português, especialmente em praias, portos e na costa rochosa. Sendo uma espécie de distribuição quase estritamente

costeira, a sua abundância diminui rapidamente à medida que nos afastamos da costa. Assim, nos estuários esta gaivota é claramente menos abundante, dando progressivamente lugar à gaivota-d'asa-escura.

Andorinha-do-mar-anã, *Sternula albifrons*



É uma espécie de bico fino e pontiagudo, e de tonalidade geral branca, possuindo um barrete e uma máscara facial pretos. Esta espécie é a mais pequena das andorinhas-do-mar que podemos observar em Portugal, possuindo uma característica testa branca. O bico amarelo com a ponta

escura permite eliminar a confusão com outras espécies semelhantes. Possui um voo ondulado, chilreando frequentemente.

Trata-se de uma espécie migradora, que nidifica em Portugal e inverte em África. Encontra-se entre nós sobretudo entre princípios de Abril e o princípio de Setembro.

Serra da Boa Viagem:

Carvalho-português, *Quercus faginea*



O carvalho-português tem folhas marcescentes. Assim como os demais carvalhos, produz a bolota como fruto, que é usada como alimento por vários animais, como o javali, os esquilos, que muitas vezes as enterram e se esquecem, acabando por ser plantadores naturais da espécie.

Pinheiro-bravo, *Pinus pinaster*



Árvore de grande porte que pode elevar-se até aos 40 metros de altura, com folhas em forma de agulha que se mantêm todo o ano, e raízes profundas que o tornam bastante resistente ao vento, o pinheiro-bravo é a espécie resinosa mais comum de norte a sul de Portugal e também a mais abundante das coníferas, ou seja, das plantas que produzem pinhas.

Cedro-do-Buçaco, *Cupressus lusitânica*



O cedrinho é uma árvore de copa piramidal a colunar muito utilizado na ornamentação urbana, principalmente podado, adquirindo porte arbustivo, para uso em sebes. Apesar do nome popular “cedrinho”, é na verdade um cipreste. Sem podas alcança de 20 a 30 metros de altura. Suas folhas são em escamas, ovaladas, acuminadas, aromáticas, perenes e de cor verde-acinzentada. Por se tratar de uma espécie monóica, apresenta flores masculinas e femininas na mesma planta. As inflorescências femininas são cones globosos e axilares, enquanto que as masculinas são cones cilíndricos e terminais. Os frutos apresentam 6 a 8 escamas apiculadas e têm cor cinza-esverdeada quando imaturos, sendo que à medida que amadurecem se tornam marrons. As sementes são marrons, pequenas e aladas.

Tojo, *Ulex europaeus*



O tojo é uma planta arbustiva perene que pode atingir até 3 m de altura. Destaca-se por formar matos muito espinhosos, com ramos eretos, rígidos, muito densos, perenes, com rebentos novos verde escuros e folhas transformadas em espinhos de forma linear e dispostos alternadamente nos caules. É uma planta originário da região europeia ocidental, principalmente da costa atlântica, podendo também ser encontrada em estado espontâneo em algumas zonas mediterrânicas.

Urze, *Calluna vulgaris*



Urze planta que é também chamada de torga, é o nome comum de diversas plantas da família Ericaceae, particularmente dos géneros Erica e Calluna. São espontâneas em terrenos pobres em cal e com flores de cores diversas. As espécies existentes em Portugal são muito comuns e encontram-se em todo o país, mas sobretudo nas montanhas de granito a norte de Portugal

continental. Contudo esta espécie chega até as ilhas da Madeira e do Porto Santo, podendo ai ser encontradas desde a sua descoberta.

Aroeira, *Pistacia lentiscus*



Aroeira, arbusto modesto, excepto em largura; encontra-se frequentemente nas terras do centro e sul de Portugal. Raramente ultrapassa os 5 metros de altura por outros tantos de largura. Folhas compostas que no Outono e Invernos não negam o vermelho vivo;

vermelhas são também as suas flores masculinas assim como as bagas antes do negro da maturidade. As moitas de aroeira pincelam de vermelho as paisagens solarengas em redor do Mediterrâneo, primeiro com a floração e depois com os seus frutos.

Sargaço, *Cistus monspeliensis*



Pequeno arbusto (altura até 1,2 m) da família Cistaceae, erecto, muito ramoso e viscoso, formando uma moita compacta. Apresenta folhas subsésseis, lineares ou linear-lanceoladas, com três nervuras longitudinais; flores com 5 pétalas brancas, frequentemente manchadas de amarelo na base.

Bem adaptada a climas quentes e terrenos secos, a espécie cresce em vários tipos de solos, desde os graníticos aos

arenosos, passando pelos xistosos, argilosos e calcários, podendo encontrar-se em colinas secas, charnecas, matagais e florestas com boas clareiras.

Sardão, *Lacerta lepida*.



O Sardão (*Lacerta lepida*) é o maior lagarto da Península Ibérica, podendo alcançar 80 cm de comprimento total. De aspecto robusto, possui uma cabeça proeminente, membros fortes e cauda muito comprida.

Esquilo vermelho, *Sciurus vulgaris*.



O Esquilo-vermelho, *Sciurus vulgaris*, é um mamífero de pequeno porte, da ordem Rodentia e da família Sciuridae. O comprimento do corpo é de 18-24 cm e a cauda mede cerca de 17 cm. Os juvenis pesam 100-150 g, podendo os adultos atingir as 450 g.

Pintassilgo, *Carduelis carduelis*,



Esta pequena ave granívora é conhecida por quase toda a gente, pelo que se trata de uma espécie de relativamente fácil identificação. A sua máscara vermelha, a cabeça branca e preta e as manchas amarelas nas asas fazem do pintassilgo uma ave bastante colorida e com um padrão facilmente reconhecível, mesmo em voo.

Durante a Primavera, pode ser observado a cantar no alto de árvores, antenas, postes e telhados. No Inverno agrega-se frequentemente em bandos de dimensões consideráveis, que podem juntar centenas de aves.

Pica-pau-malhado, *Dendrocopos major*



O pica-pau-malhado-grande é residente em Portugal e na maioria dos locais onde ocorre está presente ao longo de todo o ano.

Devido aos seus hábitos florestais, e às características destes habitats, esta espécie pode ser de difícil observação, e passível de ser confundida com o seu congénere pica-pau-galego. Diferencia-se

sobretudo pelas maiores dimensões, e, no caso dos machos, pela presença de uma mancha vermelha na nuca, bem contrastante com o padrão preto e branco do resto do corpo, e pela tonalidade avermelhada do abdómen. Os juvenis possuem um capucho vermelho que os pode fazer confundir com a congénere mais pequena, mas, quando em voo, as “janelas” brancas nas asas são bastante visíveis e permitem uma identificação segura. É bastante comum escutar o tamborilar acelerado desta espécie, sendo audível a grandes distâncias, como se tratasse de uma matraquear violento e rápido.

Verdilhão, *Carduelis chloris*



O verdilhão apresenta um bico grosso. Distingue-se pela tonalidade geral esverdeada, com as primárias amarelas e ponta das primárias escuras. A cauda bifurcada apresenta os lados amarelos. As fêmeas apresentam cores mais esbatidas que macho. Espécie abundante em algumas regiões, estando bem distribuída de norte a sul do território. Pode ser observada durante todo o ano, existindo bandos de dimensão

apreciável durante o Inverno, sobretudo em zonas agricultadas.

Dunas e praia:

Morganheira das Praias, *Euphorbia paralias* L.



Planta vivaz, lenhosa com vários caules, sem pêlos e algo carnuda. Quando quebrada produz um látex, branco, tóxico. Surge na duna frontal, na face voltada para o mar, podendo estender-se para o interior.

A sua floração ocorre entre os meses de Março a Outubro.

Estorno, *Ammophila arenaria* L.



É uma gramínea da família das Poaceae. Desenvolve-se por rizomas e pode atingir o meio metro e até 150 centímetros de altura. As folhas são enroladas e rígidas, a inflorescência tem espiguetas com uma só flor. O fruto é uma cariopse. A floração dá-se entre abril e junho. Trata-se de uma planta importante, pioneira na

fixação das dunas, e por isso bem adaptada a habitats de areias instáveis.

Cardo Marítimo, *Eryngium maritimum* L.



Planta glauca glabra e espinhosa. Folhas basais com pecíolo e trilobadas; as caulinares sem pecíolo e palmeadas. Flores em capítulos densos arredondados com brácteas semelhantes a folhas. Existe em dunas e areais marítimos. Costuma florescer entre junho e setembro.

Camarinhas, *Corema album*



É um pequeno arbusto sempre-verde, com altura geralmente inferior a 1 m e ramos eretos muito ramificados. As suas ramagens libertam um odor semelhante ao do mel. As folhas estreitas, lineares e cor verde-escuras. Floresce entre Março e Maio. Produz em Julho/Setembro um pequeno fruto branco com a forma de uma drupa carnuda, comestível.

Bibliografia:

<http://www.avesdeportugal.info/>
<http://www.atlasavesmarinhas.pt/borrelho-grande-de-coleira/>
<http://obiologoamador.blogspot.com/>
<https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/tojo/>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Urze>
<https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/calluna-vulgaris/>
<http://floresdoareal.blogspot.com/2012/04/pistacia-lentiscus-l.html>
<http://www.arvoresearbustosdeportugal.com/portfolio-item/rozeira-pistacia-lentiscus/>
<http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=55&cid=92231&bl=1&viewall=true>
<http://floradaserradaarrabida.blogspot.com/2012/02/tremocao-astragalus-lusitanicus.html>
<http://www.arvoresearbustosdeportugal.com/portfolio-item/pinho-bravo-pinus-pinaster/>
<https://florestas.pt/conhecer/pinho-bravo-a-conifera-mais-abundante-em-portugal/>

Trabalho realizado alunos da turma do 6.º11.